



Bolsas
Na terça-feira

3,28%

São Paulo

0,83%

Nova York

Pontuação B3
IBovespa nos últimos dias

188.786

183.104

26/2

27/2

2/3

3/3

Dólar

Na terça-feira

R\$ 5,265

(+ 1,92%)

Salário mínimo

Últimos

R\$ 1.621

25/fevereiro

5,125

26/fevereiro

5,138

27/fevereiro

5,134

2/março

5,165

Euro

Comercial, venda na terça-feira

R\$ 6,111

CDI

Ao ano

14,90%

CDB

Prefixado 30 dias (ao ano)

14,75%

Inflação

IPCA do IBGE (em %)

Setembro/2025

0,48

Outubro/2025

0,09

Novembro/2025

0,18

Dezembro/2025

0,33

Janeiro/2026

0,33

CRESCIMENTO ECONÔMICO

Gasto público ajuda PIB de 2,3% em 2025

Pesquisa do IBGE revela que, além da performance do setor agrícola, com crescimento de 11,7%, o consumo do governo, com alta de 2,1%, contribuiu para o impulso da economia brasileira no último trimestre do ano passado

» ROSANA HESSEL

O resultado do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro, divulgado, ontem, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), confirmou o impacto dos juros elevados na atividade econômica, como era esperado pelo mercado. No último trimestre de 2025, o PIB registrou variação positiva de 0,1% na comparação com o terceiro trimestre, quando a variação foi zera da após a revisão da taxa anterior, também de 0,1%, pelo IBGE.

Com esse resultado, o PIB apresentou, no ano, crescimento de 2,3%, desacelerando em relação a 2024, quando o indicador de riqueza do país cresceu 3,4%. Foi a menor taxa de expansão da atividade desde o tombo de 3,3% em 2020, durante a pandemia da covid-19. Na comparação com o mesmo período de 2024, o avanço foi de 1,8%.

Em valores correntes, o PIB somou R\$ 12,7 trilhões, e a renda per capita — que resulta da divisão do PIB pela população — cresceu 1,9% em relação ao ano passado, para R\$ 55,9 mil.

O resultado do PIB divulgado pelo IBGE ficou em linha com as apostas do mercado e do Ministério da Fazenda, que, no mês passado, revisou de 2,2% para 2,3% a previsão de crescimento do PIB de 2025. Os dados do instituto mostram que os principais impulsos do PIB no último trimestre do ano foram a agricultura, que cresceu 0,5% na comparação com o trimestre anterior, e 11,7% na comparação anual. Já os serviços, que mais pesam na composição do PIB (quase 70%), apresentaram avanço de 1,8% no ano, enquanto a indústria teve alta de 1,4% no ano, mas recuou 0,7% no último trimestre.

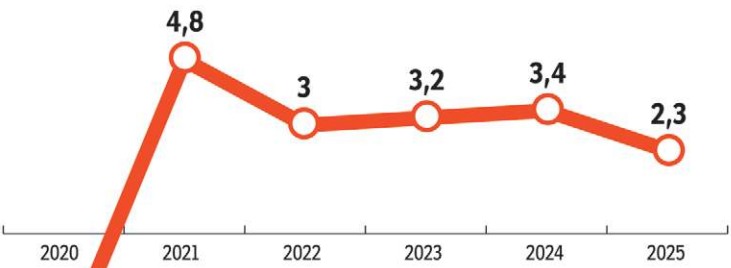
Consumo

Todavia, um dos dados que mais chamou a atenção dos analistas foi o aumento do consumo do governo, que cresceu 3,6% no último trimestre de 2025 na comparação com o mesmo período de 2024, e 2,1% no acumulado do ano. Enquanto isso, o consumo das famílias avançou 1,3% no ano, taxa inferior aos gastos do governo, refletindo os impactos do aperto monetário

Desaceleração

Em processo de desaquecimento por conta do freio da política monetária, Produto Interno Bruto (PIB) registra alta de 2,3% em 2025 – a menor taxa de crescimento do indicador desde a pandemia, em 2020 –, após ter uma variação positiva de 0,1% no último trimestre do ano

Variação do PIB — Em %



DESEMPENHO

Além da agricultura, que cresceu 12,1% na comparação com o mesmo trimestre do ano passado, um dos principais motores do PIB foi o consumo do governo que, no último trimestre do ano, cresceu mais do que a variação do PIB

VARIAÇÃO DO PIB EM RELAÇÃO AO MESMO PERÍODO DE 2024

Em %

Oferta	No ano	No 4º trimestre
Agropecuária	11,7	12,1
Indústria	1,4	0,6
Serviços	1,8	2,0
Impostos sobre produtos	1,7	1,0

Demanda	No ano	No 4º trimestre
Consumo das famílias	1,3	1,0
Consumo do governo	2,1	3,6
Formação Bruta de Capital Fixo	2,9	-3,1
Exportações	6,2	14,2
Importações	4,5	-0,3

NÚMEROS

R\$ 12,7 TRILHÕES

volume da formação de riqueza gerada pelo PIB no ano passado

R\$ 59,7 MIL

PIB per capita em 2025, dado 1,9% acima do registrado em 2024

16,8%

taxa de investimento em relação ao PIB no último trimestre de 2025

Fontes: IBGE e Austin Rating

RANKING GLOBAL

O Brasil perdeu uma posição no ranking global e caiu para a 11ª posição, enquanto a Rússia, que estava em 11º em 2024, avança para o 9º lugar, mesmo em guerra

Dados de 2025, em US\$ trilhões	
1. Estados Unidos	30,615
2. China	19,457
3. Alemanha	5,016
4. Japão	4,223
5. Índia	4,116
6. Reino Unido	3,945
7.França	3,363
8.Itália	2,545
9. Rússia	2,541
10. Canadá	2,277
11. Brasil	2,268

» Em meio a conflito, dólar sobe e Bolsa cai

O medo em relação a um possível prolongamento da guerra travada por Estados Unidos e Israel contra o Irã inquietou investidores no mundo inteiro, ontem. No Brasil, o Ibovespa encerrou a sessão em baixa de 3,28%, aos 183.104 pontos. No mercado cambial, o dólar voltou a registrar uma valorização mais forte e subiu 1,92%, cotado a R\$ 5,26. O movimento foi reforçado pelo novo aumento de preço do petróleo. O barril tipo Brent com vencimento em abril fechou em alta de 4,71%, a US\$ 81,40.

contabilizados com a Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF), que mede os investimentos no país e recuou 3,1% na comparação trimestral.

O economista e ex-ministro da Fazenda Mailson da Nóbrega, sócio da Tendências Consultoria, também demonstrou preocupação com o aumento dos gastos do governo. "Isso reflete o aumento do gasto público após o fim do teto de gastos com a substituição de uma regra que já morreu e que não consegue estabilizar a dívida pública em relação ao PIB", criticou Mailson, lembrando que o país segue crescendo abaixo da média global, o que limita a saída da armadilha da renda média baixa.

O crescimento do PIB brasileiro ficou abaixo da média dos países emergentes e dos membros do Brics, grupo composto por Brasil, Rússia, Índia, China, África do Sul e mais seis novos integrantes, de acordo com Alex Agostini, economista-chefe da Austin Rating.

Segundo Agostini, o processo de desaceleração do PIB brasileiro fez o país perder uma posição no ranking global, para a 11ª colocação, com um PIB em dólares de 2,268 bilhões. "Essa perda de posição não é demérito do Brasil, porque a Rússia teve uma valorização muito forte do rublo depois de ter tido uma desvalorização gigantesca em 2023, no início da guerra com a Ucrânia", explicou.

Rosinei Coutinho/STF



Luiz Marinho espera geração de emprego semelhante a 2025

isso vem ocorrendo nos três anos do atual governo, e revela que, tirando o agronegócio e as exportações, é o Estado que vem ganhando mais protagonismo no PIB", avaliou a economista Silvia Matos, coordenadora do Boletim Macro do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getulio Vargas (FGV Ibre).

Matos contou que esperava

queda de 0,1% no PIB do quarto trimestre na margem (em relação ao trimestre anterior), e reconheceu que esse gasto maior do governo foi um dos fatores que surpreenderam, e ele coincide com o enfraquecimento do consumo das famílias em meio ao aumento da inadimplência diante da política monetária mais restritiva do Banco Central, que manteve a taxa

básica de juros (Selic) em 15% ao ano desde junho do ano passado, contribuindo para a desaceleração da atividade.

Conforme os dados do IBGE, o consumo do governo somou R\$ 710,8 bilhões no trimestre encerrado em dezembro, mas, no acumulado do ano, esse componente do PIB somou R\$ 2,4 trilhões, acima dos R\$ 2,1 trilhões

Janeiro tem 112 mil novos empregos

» PEDRO JOSÉ*

O Brasil registrou saldo positivo de 112.334 postos de trabalho com carteira assinada em janeiro de 2026, segundo dados do Novo Caged divulgados, ontem, pelo Ministério do Trabalho e Emprego.

No período, foram contabilizados 2.208.030 admissões e 2.095.696 desligamentos. Com o resultado, o estoque total de empregos formais no país alcançou 48.577.979 vínculos.

Entre os setores, a indústria geral liderou a geração de vagas de trabalho, com 54.991 postos, seguida pela construção, com 50.545, serviços, com 40.525, e agropecuária, com 23.073. O comércio foi o único grupamento com saldo negativo,

ao registrar perda de 56.800 vagas.

Ao comparar o mercado de trabalho formal de janeiro de 2026 com o mesmo mês de 2025, observa-se uma desaceleração no ritmo de criação de vagas, embora a remuneração inicial média tenha apresentado uma melhora. O saldo positivo de empregos gerados recuou, caindo de 154.396 vagas criadas em janeiro de 2025 para 112.334 em janeiro de 2026.

Apesar do arrefecimento, o ministro do Trabalho e Emprego Luiz Marinho afirmou que o desempenho do emprego em 2026 deve ficar no mesmo nível ou mesmo superar o resultado de 2025. "Eu enxergo que o saldo do ano passado pode se repetir esse ano, até com viés de crescimento, vai depender

da circunstância do que a economia vai se comportar mês a mês", declarou, ao divulgar os números.

Para Rafael Prado, consultor de macroeconomia da GO Associados, há sinais de desaceleração na criação de vagas. "Quando comparamos a criação de vagas de 2025 com as de 2026, a desaceleração é clara. Há uma razão de curto prazo, que é o esfriamento da economia, e uma de longo prazo, que é a tendência de perda de ritmo observada desde 2021 para o mês de janeiro", afirmou.

Segundo ele, a redução não se explica apenas por fatores sazonais. "De 2021 até 2026, a criação líquida de vagas formais em janeiro mostra perda de ritmo persistente. Isso reflete uma mudança estrutural no mercado de trabalho, com crescimento menos

intenso do emprego formal", disse.

Sobre o desempenho setorial, Prado avaliou que o resultado negativo do comércio está relacionado ao fim dos contratos temporários. "Os desligamentos de vagas temporárias de fim de ano costumam ocorrer em janeiro. Isso não sinaliza necessariamente fragilidade no consumo, mas pode indicar desaceleração", afirmou.

Ele também mencionou fatores ligados à renda. "Com juros elevados, a renda das famílias fica mais comprometida com o serviço da dívida, o que pode limitar a recomposição do consumo no início do ano", disse.

*Estagiário sob a supervisão de Edla Lula